

CAMAFEUS
ROMANOS

POR

EUGENIO DE CASTRO

«*LUMEN*»

EMPRESA INTERNACIONAL EDITORA

LISBOA — PORTO — COIMBRA

1921

D'esta edição fez-se uma tiragem especial de dez exemplares em papel Kent, numerados e rubricados pelo auctor.



A SEPULTURA DE CORNÉLIA EUTÍQUIA

AO VISCONDE DE VILA MOURA,

A SEPULTURA DE CORNÉLIA EUTÍQUIA

No seu último sono aqui descansa
Cornélia': Eutíquia. Os astros no alto céu
Invejam todos o destino seu:
Fiou; foi esposa e mãe; foi linda e mansa.

As joias, os cosméticos e a dança
Nunca a tentaram; nunca apareceu
No pórtico elegante de Pompeu...
Era, sendo matrona, uma criança.

Por isso, o viuvo dela, ao sepultá-la,
No cipo que lhe marca a sepultura,
Sob terna inscrição d'altos louvores,

Mandou lavrar, querendo retratá-la,
Este baixo-relêvo que figura
Uma dócil ovelha a comer flôres,

OS CUIDADOS DE HORÁCIO

Ao DR. ANTÓNIO DB VASCONCELOS.

OS CUIDADOS DE HORÁCIO

Lida a grata missiva em que Mecenas
Com terno empenho a versejar o exorta,
Sob a latada que lhe ensombra a porta,
Horácio escuta as pastorais avenas.

Passam no azul retardatárias penas;
A lua nasce num palor de morta...
E ao escravo o Poeta diz, descendo á horta
Onde a colmeia dorme entre verbenas:

— « Estas rosas, Licínio, e essas, vermelhas,
« Rega-mas bem, e os cravos da Numídia
« Que estão além, defronte do lagar;

« Quero um festim de flor's dar ás abelhas,
« Que em troca me darão mel para Lídia
« E cera para as ânforas selar.»

PROPERCIO A CÍNTIA

PROPERCIO A CÍNTIA

— « P'ra que te enfeitas ? Que tontice a tua!
« P'ra quê esse penteado singular,
« E, de Cós, esses véus tecidos de ar?
« P'ra que íe véstes, se te quero núa?

« Núa, no espaço, é que é formosa a lua;
« Se a cobre alguma nuvem, que pesar!
« Flor's, estrelas do céu, ondas do mar
« Mostram despidas a beleza sua...

« Sobrancelhas postiças! Estás tonta!
« Vermelhão e cosméticos! Que afronta
« Para esse lindo e penugento rosto!

« Lança fóra pomadas e pinceis!
« Anda nuzinho o Amor: todo o seu gosto
« É ver, como ele, nós os seus fieis! »

PROPERCIO E CÍNTIA

A JOAQUIM COSTA.

PROPERCIO E CÍNTIA

Tulo, procónsul na Asia, ao seu amigo
Propercio vai dizer o extremo adeus:

- « Porque é que ensurdeceste aos rogos meus,
« Porque é, Propercio, que não vens comigo? »

« A sábia Atenas de renome antigo,
« E a Ionía doce que nos campos seus
« Vê o Pacíolo reflectindo os céus,
« Mais belas me hão-de parecer contigo ! »

Mas Propercio responde: — « Um nescio eu fôra
« Se ás iras me expusesse do Ariático
« Para ver terras! Não, de nenhum modo

« Te seguirei ! Vai tu, e em boa hora !
« Da minha bela Cíntia no aromático
« Seio de rosas tenho o mundo todo ! »

O ANEL DE CORINA

A ALFBEDO PIMENTA,

0 ANEL DE CORINA

Emquanto espera a hora combinada
De o remeter com flores a Corina,
Ovídio oscúla o anel que lhe destina
E em que uma gema fulge bem gravada.

— « Como eu te invejo, ó prenda afortunada !
« Com ela vais dormir, mimosa e fina,
« Com ela has-de banhar-te na piscina
« Donde sairá, qual Venus, orvalhada,

« O dorso e o seio lhe verás de rosas,
« E selarás as cartas deliciosas
« Com que em minh'alma alento e esp'rança véрте...

« E temendo (suprema f'icidade!)
« Que a cera adira á pedra, ai! então ha-de
« Com a ponta da língua humedecer-te! »

OVÍDIO FURIOSO

A CARLOS DE SACADURA.

OVÍDIO FURIOSO

Com sanhudo furor Ovídio atira
A tabuinha encerada para a rua;
— « Que um carro te esmigalhe e te destrua,
« Odiado objecto da mais justa ira !

« Quem a arvore negra destruía
« De que provens! Contorcionada e nua,
« Nela alguem se enforcou á luz da lua,
« Amaldiçoando a sprte que o traíra!

« A uma abelha da Córsega, nutrida
« Só de flor's de cicuta, é que é devida
« A cêra que te cobre... Vai-te, foge,

« Ó tábua, onde o estilête de Corina
« Traçou, tremendo em sua mão divina,
« Esta sentença; — *É impossível, hoje...*»

PESCA IMPERIAL

A Carlos REIS.

PESCA IMPERIAL

Pesca no Tibre o Imperador. A cana,
Como também o anzol, é d'ouro fino,
E de púrpura a linha. Tigelino,
De Nero aos pés, dos seus anéis se ufana.

Do rio á superfície baça e plana
Nem uma ruga só. No ar cristalino,
Demandando os ciprestes do Aventino,
De rôlas foge alada caravana...

É morno o dia. A natureza dorme...
Nisto, entesa-se a linha fugidía,
E co'a fronte apoplética, vermelha,

Vai de certo apar'cer ! Mas... que !
O que o anzol traz é uma sandália velha.

PALPEBRAS DE POPÊA

PALPEBRAS DE POPÊA

Focas, o astuto lapidado grego,
Mostra a Nero uma gema nunca vista,
Uma espécie de pálida ametista
Que arde no mais febril desassossêgo.

O Imperador, no fervoroso apêgo
De lisonjear da nova espôsa a vista
Com essa pedra única, imprevista,
De a remirar á fôrça, é quase cego.

- « Estas pedras que são ? » Em tom sereno :
— « São *palpebras de Venus* », diz o heleno.
— « De Venus ? » volve Nero, « não é feia

« A expressão, porém quero-a mais radiante:
« Chamemos a tais pedras d'ora ávante
« *Palpebras* (não de Venus!) *de Popêa...*

OS DOIS CORTEJOS

OS DOIS CORTEJOS

Na Via Ficulense enrubescida
Do sol pelos vislumbres derradeiros,
Quatro homens levam, graves e trigueiros,
O sangrento cadáver dum suicída.

Atraz, chamando-o inutilmente á vida,
A mãe com uns olhos que são dois braseiros,
Segue, sob os atónitos pinheiros,
Em descomposta e lúgubre alarida.

Nisto, ergue-se na estrada ura bulcão loiro
De poeira; e o triste entêrro que sopêa
A marcha enquanto o céu se enche d'estrêlas,

Desviando-se vê, ferradas d'oiro,
As quinhentas burrinhas que Popêa
Mantém, p'ra se banhar no leite delas.

MATRICÍDIO

MATRICÍDIO

Hercúleo centurião parte incumbido
De matar Agripina. Indiferente,
Nero compõe ao espelho lentamente
A c'rôa de verbenas, presumido.

Depois, cantarolando, embevecido
Co'a propria voz, põe-se a mirar contente
Um colar de carbúnculos, presente
Por ele a certa escrava prometido.

Assoma ura atriense anunciando
A linda escrava. Nero, que palpita,
Clama, co'as fontes latejantes: — « *Que entre!* »

Longe, Agripina, o centurião fitando,
E adivinhando tudo, assim lhe grita:
— « *Sei quem te manda; fere-me no ventre!* »

O POETA POBRE

O POETA POBRE

— « *Porque não faço um longo poema? A rua*
« *Que aqui vês com seus prédios e calçada,*
« *Foi outrora uma veiga embalsamada,*
« *Cheia de rouxinois cantando á lua.*

« *Debalde a pobre terra se extenúa*
« *Em q 'rer florir de novo: carregada*
« *De pedras, só produz a erva enfezada*
« *Que entre as frinchas das pedras se insinúa.*

*«Assim eu sou também. Pobre de haveres,
« Conquistando o meu pão com os meus suores,
« Vivo amarrado a ocupações mesquinhas...*

*« As minhas pedras são os meus deveres,
« E não podendo desatar-me em flores,
« Contento-me em criar débeis ervinhas... »*

PEIXE D'AQUARIO

PEIXE D' AQUARIO

Na agua límpida e fria da redoma
Move-se lento um peixe que parece
Feito de nácar que espelhado houvesse
As labaredas ruivas de Sodoma.

Ao vê-lo, a doce Pirra d'aurea coma,
Dessa côr uma túnica apetece,
Diz :— « *Que estúpido!* » e no cristal revê-se
Da boceta em que traz languido aroma.

E eis que Petronio atalha; — « Quererias
« Que fosse outro Demóstenes ? Que mímica
« De sizo tens ! Elege-o por modêlo,

« Voluptuoso encanto dos meus dias,
« E repara, travando mais a língua,
« Que a sua missão unica é ser belo ! »

MUSA DOMESTICA

A ANTONIO CORREIA DE OLIVEIRA.

MUSA DOMESTICA

Cheio d' inspiração, Lucano escreve:
O aureo estilete célere caminha
Como doirado insecto na tabuinha
Que a cera cobre de camada leve.

Por traz do Poeta, surge, alva de neve,
Pola Argentaria, dele se avizinha
E espreita os versos: nunca uma rainha
Tão jubiloso e nobre orgulho teve!

Nisto, a meio dum verso, o poeta hesita;
Mas Pola, em doce voz, logo lhe dita
O hemistíquio fugaz que tanto o rala;

E ao escrevê-lo, febril, com mão nervosa,
Marco Lucano crê, sem dar p' la esposa,
Que é a própria Calíope quem fala...

NO PORTICO DE LÍVIA

A GUEDES DE OLIVEIRA.

NO PÓRTICO DE LÍVIA

Démo, filha de Atenas, passa airosa
Com um ar de virgem tão discreta e pura,
Que mais dum amador sonha a ventura
De a oscular um dia como esposa.

Dir-se-ia pisar estrelas! Luminosa,
Sintíla entre os seus pés a poeira escura:
Na sola das sandalias lhe fulgura
Em pregos d'ouro uma inscrição radiosa.

E tais pregos no chão deixam impressas
Estas palavras: « *Segue-me!* » Traída,
Parte a ingénua ilusão pelos céus fóra...

Com o juízo a paz volta ás cabeças...
E quem sonhára um amor de toda a vida
Corre a pagar um amor de meia hora.

CONVITE A FÁBULO

CONVITE A FÁBULO

— « Vem, amigo: dar-te-hei mimosa ceia;
« Mas traze vinhos bons, ricos manjares,
« Chalaça fina que sacuda os ares,
« E alguma ninfa que não seja feia,

« Isso tudo trazendo, noite cheia
« Terás aqui para esquecer pesares,
« Que eu, no meu bolso, vítima de azáres
« Encontro apenas, aracnídea teia.

« Mas darei os perfumes: sem perfumes
« Não pode haver festim! Graças aos Numes,
« Da minha Lesbia o corpo rescendente

« Perfumará com tal doçura a festa,
« Que ter desejarás, dos pés á testa,
« Cem narizes... ou ser nariz somente! »

TIBÚLO EMPOBRECIDO

A Rui DE BETECOURT DA CAMARA.

TIBÚLO EMPOBRECIDO

— « *Empobreci a amar! Risonhos prados*
« *E vinhedos que davam loiros vinhos,*
« *Tudo vendi para comprar carinhos*
« *Mentirosos e beijos simulados.*

« *Os beijos, mesmo quando assim comprados,*
« *São por vezes tão suaves como arminhos...*
« *Mas que fazer agora ? P' los caminhos.*
« *Vou ser ladrão, roubar os descuidados !*

*«De Venus, que comigo não se importa,
« Vou o templo saquear, despir-lhe os muros !
« Antes morrer, sacrílego, a seus pés,*

*« Do que ser encontrado morto d porta
« Que enchi de flor's e cujos gonzos duros
« Não rangeram por mim uma só vez!»*

OS BRINCOS DE PÓRCIA

OS BRINCOS DE PÓRCIA

As indianas perolas que vejo
Nessas orelhas, Pórcia, não são elas
As que te deu, alçando-se ás estrelas,
Hortensio, a trôco de fingido beijo ?

Para as obter, submisso ao teu desejo,
Vendeu quanto possuía; mas ao vê-las
Por ti miradas, que as dizias belas,
Rico o pobre se achava de sobejo.

Passados quatro dias bem pungentes,
Ao Tibre se deitou, louco de dor,
E lá morreu... Que miseravel sorte!

Esses brincos esconde aos teus clientes,
Pois supondo exhibir troféus d'amor,
Lábaros ergues de perfídia e morte!

A CARESTIA DO AMOR

A CARESTIA DO AMOR

Feliz o tempo em que uma cortesã
O era porque o sangue lho pedia,
E só ligeiras prendas recebia,
Uma ode, um junquilha ou uma romã.

Hoje, d'amor toda a paixão é vã
Se o cantar dos sestercios a não guia;
Qualquer rameira vil ganha num dia
Cem vezes mais do que se fiasse lã.

Por isso, Claudia que eu, cheia de andrajos,
Ha pouco vi, seguindo, ao sol adusto,
O pai no amanho de arrendadas glebas,

Ontem, no Circo, apareceu com trajos
E joias cujo fabuloso custo
Daría para erguer de novo Tebas!

TULIAZINHA

Ao CONDE DE BERTIANDOS.

TULIAZINHA

Cicero escreve a Ático na paz
Do seu jardim. Dum colmeal fugida,
Chega a pequena Túlia esbaforida
Que um farto ramo de narcisos traz.

— « *A quem escreves, a Ático? Dir-lhe-has*
« *Que me mande a boneca prometida;*
« *E aperta-o bem, senão... por minha vida!*
« *Se o falso m'a não der, tu ma darás!* »

Rindo, o orador lá escreve esse recado
Em castiço latim. Fresco e pausado,
Arfa, no ar, balsâmico favonio...

Abala Túlia. O pai segue-a co'a vista...
Mas uma nuvem lúgubre, imprevista
Lhe ensombra o olhar: pensára em Marco-Antonio.

A VINGANÇA DE FULVIA

A VINGANÇA DE FULVIA

De Cícero a cabeça decepada
Sangra num prato, lívida e serena;
Mirando-a, como satisfeita hiena,
Fui via, bela e feliz, sorri vingada,

— « Como foi isto ? Bôca tão danada
« Com sua baba já não me envenena?
« Já me não mordes, bôca d'oiro ? É pena
« Que pena eu tenho de te ver calada ! »

Ardem-lhe os olhos em rogais delirios,
E crispando os seus dedos, claros lírios,
Enclavinados por um ódio cégo,

Cospe, entreabrindo-a, na gelada bôca,
Puxa-lhe a língua, e nela crava, louca,
De seus fulvos cabelos o aureo prego.

NA VIA ÁPIA

A ANTONIO CARNEIRO.

NA VIA ÁPIA

Da Ápia Via ao lado, onde o violento
Siroco erguia folhas e poeira,
Num cipo li, ao pé duma aveleira,
Esta inscrição, detendo-me um momento :

*De Claudia aos Manes, que Plutão cruento
Prostrou, do leito nupcial á beira,
Albio, seu noivo, como derradeira
Prova d'amor, eleva este moimento.*

Terminada a leitura, reparei
Que a minha noiva, conturbado o busto,
De flor's enchia o cipo abandonado.

— « *Conheceste-la acaso ?* » perguntei :
— « *Não /»* respondeu Lavínia; « *mas é justo*
« *Que o amor ditoso amime o desgraçado...* »

INDICE

	Pág.
A sepultura de Cornélia Eutíquia.....	11
Os cuidados de Horácio.....	15
Propereio a Cintia.....	19
Propereio e Cíntia.....	23
O anel de Corina.....	27
Ovídio furioso.....	31
Pesca imperial.....	35
Palpebras do Popêa.....	39
Os dois cortejos.....	43
Matricídio.....	47
O poeta pobre.....	51
Peixe d'Aquario.....	55
Musa domestica.....	59
No Pórtico de Lívía.....	63
Convite a Fábulo.....	67
Tibúlo empobrecido.....	71
Os brincos de Pórcia.....	75
A carestia do amor.....	79
Tuliazinha.....	83
A vingança de fulvia.....	87
Na via ápia.....	91

ACABOU DE SE IMPRIMIR ÊSTE
LIVRO AOS QUATRO DIAS DO
MEZ DE FEVEREIRO DE MIL
NOVECENTOS E VINTE E UM
NA TIPOGRAFIA LUSITANIA,
DE MARIO ANTUNES LEITÃO.
SITA Á RUA DA PICARIA, 73
NA CIDADE DO PORTO.